

Expedição à Ilha da Trindade

Em meado do ano corrente, foi organizada uma expedição científica à ilha da Trindade, com o objetivo de estudar *in loco* as condições dessa ilha, com a finalidade de torná-la útil à defesa nacional. Foi chefiada pelo ministro JOÃO ALBERTO, e contou com a presença de uma turma de cientistas e técnicos nos diversos ramos da geografia. O Conselho Nacional de Geografia não poderia estar ausente a um empreendimento de tal natureza, e atendendo ao desejo do organizador da expedição de contar com a colaboração do Conselho, este designou o Eng. JOSÉ CARLOS PEDRO GRANDE, cartógrafo de seus quadros técnicos, para acompanhar os expedicionários.

PEDRO GRANDE, regressando, foi convidado pelo secretário-geral do Conselho a fazer uma comunicação sobre os trabalhos de exploração levados a efeito naquela ilha. A palestra que se verificou no auditório do I.B.G.E., foi ilustrada com farta documentação fotográfica e cartográfica alusiva a aspectos da ilha da Trindade.

A seguir transcrevemos trechos da comunicação referida, a qual foi subordinada ao título "A cartografia do C.N.G. na ilha da Trindade":

A VIAGEM

"É do conhecimento dos ilustres presentes que, após os necessários preparativos, orientados pelo engenheiro PAULO DE ASSIS RIBEIRO, partiu daqui às 11 horas de 17 de maio a expedição João Alberto, composta de cientistas, técnicos e auxiliares e um grupo de jornalistas. Para o transporte a Marinha havia cedido os contra-torpedeiros "Baependi", como capitânia, e o "Beberibe".

Dada a gentileza dos oficiais de Marinha, desde o comandante do navio, e sempre boa vontade dos marinheiros, e também devido ao espírito de camaradagem e cordialidade reinante entre os componentes da expedição, decorreu às maravilhas a ida, com o mar calmo. Durante o primeiro dia acompanhamos a poucas milhas de distância a costa fluminense. Pudemos distinguir bem as

ilhas Maricás, a Ponta Negra e mais continuamente adentro, a serra do Mar. Já estava escurecendo quando avistamos o cabo Frio, com seu farol como que a piscar-nos um adeus. Até aí, os navios que tinham mantido uma rota oeste-leste mudaram-na para leste-nordeste e fomos seguindo por mares, para muitos de nós, "nunca dantes navegados". Caíra a noite. Acendiam-se as lâmpadas dos navios. Por cima de nós brilhavam as estrêlas no céu escuro da lua nova. Diante de nós, com suas luzes acesas, singrava o "Baependi". Não podíamos sentir-nos angustiosamente sós, porque, sobre um pedaço do Brasil, víamos à nossa frente outro pedaço do Brasil, a guiar-nos através da imensidade do oceano para outro pedaço do território nacional.

São irmãos o "Baependi" e o "Beberibe". Não obstante, isso, são mais possantes as máquinas deste contra-torpedeiro. Uma deficiência nas máquinas do "Baependi" causou a necessidade de racionar fortemente a água para banhos, ao passo que no nosso grupo no "Beberibe", embora empregando-a regradamente como se aconselhava, jamais tivemos escassez. Entretanto, não é a isso que quero referir-me. Quero dizer que se trata de navios construídos em série, de cerca de 1 500 toneladas. Quem os vê, não faz idéia o quanto são estáveis e velozes, mesmo com um mar menos calmo como o que enfrentamos à nossa volta.

APONTAMENTOS DE HISTÓRIA

O organizador da nossa expedição teve a excelente lembrança de fazê-la acompanhar de uma biblioteca escolhida de assuntos gerais e especializados. Assim, enquanto o "Beberibe" avançava pelo oceano afora, pude aproveitar para ler algumas informações sobre a história da ilha da Trindade. Embora hoje se levante alguma dúvida a respeito, pode-se afirmar que essa ilha oceânica foi descoberta a 18 de maio de 1502 pelo navegante português ESTÊVÃO DA GAMA que dizem ter-lhe dado o nome de Ascensão. PAULO DE ASSIS RIBEIRO, entretanto, discorda da mencionada data do descobrimento e do nome do descobridor, mas chega à con-

clusão que a descoberta deve ter ocorrido entre 1507 e 1514. Já se vê, a dúvida é de pouca monta. — Essa ilha — seu tamanho regula a metade da superfície da nossa tão conhecida ilha do Governador, perdida na solidão do Atlântico Sul, a mais de 1 200 quilômetros da costa do Brasil, não oferecia, entretanto facilidade de desembarque nem recursos para abastecimento. Foi essa a razão porque nenhum estabelecimento de caráter duradouro ali se fez por parte de Portugal, seu dono por direito de descobrimento e pelo direito que lhe atribuía o Tratado de Tordesilhas. Assim, como que esquecida, recebeu essa ilha no seu redescobrimento, longos anos depois, a denominação de Trindade. Essa dualidade de nomes causou posteriormente alguma confusão, pois fazia supor que se tratava de duas ilhas distintas, até que finalmente se firmou a certeza de que era uma só, a ilha da Trindade, objeto do nosso estudo. Abandonada durante longo tempo, serviu Trindade como ninho de traficantes escravagistas, contrabandistas e piratas. Data daquela época a tradição — não sabemos se lenda ou não, de um tesouro de piratas enterrado na ilha.

Entretanto, a posição privilegiada de Trindade no caminho de navegação entre a África e a América do Sul não podia passar despercebida à Inglaterra que naquele tempo procurava aumentar os pontos de apoio para seu comércio e domínio dos oceanos. Assim, os ingleses ocuparam em 1700 a ilha que encontraram abandonada de moradores. Talvez por falta de recursos, deixaram-na, após algum tempo. Voltaram por 1723, sob a orientação de um nobre inglês que pretendia povoar Trindade como a povoou, para servir de ponto de apoio ao seu comércio escravagista entre a África e as Américas do Sul e Central; também dessa vez abandonaram-na, diante dos resultados pouco compensadores. Então em guerra com a Espanha e Holanda, tornou a Inglaterra mais uma vez, em 1781, a ocupar a ilha da Trindade, alegando como justificativa o seu estado de guerra com essas duas nações o que não podia disfarçar a sua luta pelo predomínio nos mares. Foi cedendo à pressão exercida pela Espanha que a coroa portuguesa protestou contra essa ocupação e expulsou os ingleses daquela ilha solitária do Atlântico. Portugal, afinal reconhecera a importância da situação de Trindade e estava decidido a mantê-la em seu poder. Caríssimo, para a

época de então, lhe custou a ocupação e cada vez menos dinheiro soltava o erário lusitano que de duzentos e muitos contos iniciais, se não me falha a memória, reduziu as suas despesas anuais a dois contos de réis. Embora a nós pareça uma quantia de pouca monta, era muito para aquêles tempo e era demasiado o trabalho de defender a ilha contra piratas e contrabandistas de muitas nações, e assim, em 1797, retirou-se da Trindade o que restava da guarnição inicial de 150 marinheiros lusitanos.

E mais uma vez deixou Portugal essa ilha ao abandono, interrompido apenas pelo episódio do bergantim francês "Jeune Sophie", incendiado em alto mar, e a cuja tripulação serviu de abrigo durante pouco tempo.

Com a independência do Brasil, Trindade, até aí considerada por Portugal uma continua razão para dor de cabeça, passou ao domínio da coroa imperial brasileira, e... continuou no mesmo abandono.

Mais uma vez, no ano de 1895, já no Brasil republicano, seria a nossa ilha objeto de uma contenda com a Inglaterra. Com a finalidade oculta de assegurar-se a posse de um fabuloso tesouro de que se falava e ter mais uma base naval estratégica, voltaram os britânicos a ocupar Trindade sob o pretexto de necessitar um ponto de apoio para o seu cabo submarino à Argentina. Só meio ano após a ocupação efetuada ficou dela sabendo o Brasil. O governo lançou um protesto enérgico, e a Grã-Bretanha, diante da mediação de Portugal, resolveu deixar Trindade.

Era preciso, também, levantar um marco que demonstrasse a soberania do Brasil sobre Trindade. Assim, mal sucedida uma tentativa anterior, conseguiu-se, em maio de 1910, erguer o monumento da ocupação, esculpido em granito, que se vê sobre um montezinho de pedras eruptivas, na praia do Andrada que também dá o nome ao monumento. De outra visita dá testemunho o pilar das coordenadas geográficas com a inscrição seguinte: "As coordenadas deste pilar foram determinadas em outubro de 1917, pelo Eng. MÁRIO RODRIGUES DE SOUSA, astrônomo do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. Os valores são: Latitude 20°30' 18,5", Longitude 1h57m 15,75 (29°18' 55,5") Declinação: 20°02'30" — Em 1925, serviu a ilha de degrêdo para revolucionários políticos, al-

guns dêles vivos entre nós. Lembra essa ocupação uma placa de bronze que diz apenas: "1-1-1925. Tender Belmonte". E após as visitas de um ou outro navio de guerra de quando em vez, podemos por fim, lembrar a última ocupação de princípios de 1941 a meados de 1946, por ocasião da segunda guerra mundial.

TÉRMINO DA VIAGEM

Os navios marchavam céleres. Na manhã do dia 18 surgiu o sol pela proa do "Beberibe" e desapareceu pela pôpa; no dia seguinte de novo surgiu e esvaiu-se vermelho no oceano. Dois dias aproveitados para estudos e preparativos para o nosso trabalho.

Pelas duas horas da madrugada do dia 20 — o radar já havia anunciado a aproximação antes da meia noite — percebíamos os contornos, embora ainda indistintos da ilha que se foram tornando mais nítidos à medida que nos aproximávamos e que a manhã raiava. Pelas cinco horas (do Rio de Janeiro, a diferença é de perto de 56 minutos), já era dia claro. Via-se distintamente o "Monumento" um monólito de cerca de 250 metros de altura por uns 80 de base, próximo à costa ocidental da ilha, e destacado do resto do maciço montanhoso. Dobramos a ponta da Crista do Galo, cordilheira de configuração característica, a "Nine Pins" — nove agulhas — das cartas inglesas e daí a pouco pudemos avistar o grupo de casas na enseada dos Portugueses, na costa oriental da ilha, onde pretendíamos estacionar.

AMBIENTE

Embora tivéssemos a rara sorte de um mar calmo, mesmo assim foi penoso o desembarque do pessoal e transporte do material que era muito. Era difícil a chegada, perigosa mesmo devido às arrebentações e aos recifes de coral, às vezes, com buracos traiçoeiros. Alojamo-nos como pudemos, no grupo de casas abandonadas, construídas pelo governo federal. Algumas delas encontravam-se parcialmente destelhadas pelos temporais que freqüentemente assolam a ilha, mas tôdas oferecem conforto, assoalhadas e forradas que são, tôdas de madeira, sobre embasamento de pedra, com calçadas em seu redor. Ainda se vêem a instalação elétrica em

todos os cômodos, os encanamentos de água potável, trazida do maior e quase único curso de água perene da ilha; as instalações higiênicas, o esgôto, os tanques, cercados e calçadas, fios de luz, etc., danificados pelas intempéries, embora o clima sêco da ilha não contribua muito para a decomposição.

A falar no clima da ilha, é natural que uma permanência de apenas oito dias ali não me permite uma generalização a respeito. Entretanto, pude observar uma temperatura com oscilações mínimas: de dia não fazia calor excessivo, disso cuidava uma brisa quase constante (brisa que às vezes se transforma em vento tão forte que destelha casas) e por isso, os expedicionários usavam na sua maioria, o traje nacional trinitariano *short* ou calção, camisa esporte, camiseta ou nenhuma proteção para a parte superior do tronco; para a cabeça, boné, chapéu de palha ou coisa alguma. À noite era uma temperatura agradável, sem fazer frio, tanto que dormíamos de janelas abertas. O clima sêco sugeriria localizar ali uma estação de cura. De chuva na ilha pude observar uma de noite e outras duas pela parte da manhã, tôdas elas pouco violentas, "mangas" de meia a uma hora, se tanto. A precipitação pluvial, entretanto, é cinco vezes menor que a evaporação verificada. Encontrei na ilha um pôsto meteorológico montado, faltando apenas os instrumentos. Aventuro entretanto, que, malgrado a largura da ilha pouco ultrapassar dois quilômetros, seria conveniente a instalação de outro pôsto meteorológico no seu lado oposto para o estudo apurado do clima. É que existem ali dois ventos predominantes: o nordeste, mais quente e sêco, e o sudoeste, frio e carregado de umidade. Ora, a cordilheira que atravessa a ilha em seu comprimento todo, com elevações de 400 a 600 metros, forma uma barreira natural. Destarte o lado leste da ilha é mais sêco, o que se traduz pela sua escassez de vegetação, ao passo que o lado sul, embora pior aquinhoado quanto à água, oferece uma vegetação mais rica.

A falar em água, é boa, sem dúvida, a que a ilha oferece, mas não é só a mim que parece ter ela um sabor de magnesiana. Não prima por matar a sede; entretanto, com algumas gotas de suco de limão, torna-se esplêndida.

A quem chega, a ilha da Trindade apresenta um aspecto pouco convidativo, agressivo, hostil, de morros alcantilados, e, exceto pequenos trechos cobertos de capim rasteiro, mostra-se desprovida de vegetação. Apenas na parte noroeste a oeste da ilha existe uma pequena floresta (por onde passa o "córrego" da Cachoeira) de árvores, ou melhor, arbustos raquíticos, de troncos baixos e ao seu lado, fetos arborescentes, regularmente altos, de uma espécie que lembra os samambaiços das matas do nosso interior e entretanto são afins de espécies africanas. Assim me afirmam os naturalistas que ao mesmo tempo demonstram o entusiasmo pelo que observaram e externam a opinião que o estudo da história natural da ilha talvez permita solucionar questões até aqui abertas nesse ramo das ciências. Formando um agradável contraste com a quase nudez da parte oriental da ilha, vicejam perto da praia dos Portugueses, próximo do córrego que abastece as casas, uma amendoeira da praia e um grupo de coqueiros da praia plantados em 1942 pelos fusileiros navais durante a segunda guerra mundial, e que agora, após oito anos, já oferecem frutos. Foi uma pena que um grupo de marinheiros inadvertidamente destruiu esses côcos que, aclimados, poderiam ter servido para ampliar essa plantação. Deduz-se daí a possibilidade de fazer ao menos uma pequena parte da ilha dar produtos vegetais adequados ao seu clima semi-desértico, o que sugere a plantação de oliveiras, videiras e como disse acima, de alguns coqueiros da praia no pequeno espaço adequado para isso.

Não foi penoso o abastecimento de nossa cozinha instalada próxima do referido córrego da Aguada, com lenha. Havia-a com fartura, de pequenos arbustos secos, calcinados, deitados no chão a êsmo. Por outro lado, ao subir por espigões ora de gramínea rasteira, ora de pedra solta, encontrei, até perto de 350 a 400 metros de altitude, deitados no chão, pedaços de troncos de talvez meio palmo de grossura, provenientes portanto de plantas com porte de arbustos ao menos, de consistência e aspecto semelhante ao pau-ferro. Demonstra isso que mesmo nesta parte oriental já foi mais rica a vegetação, cujo extermínio talvez não seja de data muito remota, trinta, cinqüenta, cem anos. As causas prováveis desta destruição seriam, parece-me o homem, para seu abastecimento com combustível ou para fazer

uma pequena roça, por incêndio involuntário ou proposital, e os caprinos, inimigos da vegetação da ilha.

Fora as reduzidas manchas do tapête verde acinzentado de gramíneas, a ilha da Trindade apresenta-se com uma coloração de cinzento-claro a cinza-escuro, quase prêto (emprestam-lhe essa tonalidade os fonólitos, basaltos, rochas eruptivas), com encostas mais suaves de côr castanho-avermelhada, solo proveniente da decomposição das mencionadas rochas eruptivas, que por sua riqueza em potássio e cal — esta até 8% — se assemelha em tudo à terra roxa de São Paulo, Triângulo Mineiro e sul de Goiás, da formação Botucatu. Outras encostas há, íngremes, verdadeiras escarpas, côr de cinza, que representam as rampas internas de uma cratera antiga, uma das quais — admite-se terem existido cinco vulcões — teria tido por centro a atual enseada dos Portugueses. Pelas rochas eruptivas e seu estado de decomposição verifica-se que é de era geológica relativamente recente. Vulcano, seu criador (falam os geólogos em quinze erupções sucessivas, a última talvez cinco mil anos atrás) e Netuno que vem ornando-a de um cinto de recifes de coral a dificultar a chegada e por outro lado, destruindo com seu incessante embate, suas furiosas investidas, o material eruptivo, se fôfo, pela erosão e ablação, se duro, pela decomposição, tendo Éolo para ajudar onde sua ação não alcança. E que arquiteto, que engenheiro exímio, que na ponta sul da ilha deixou para nossa admiração a Pedra em Arco, de lindo aspecto, e sob o Paredão, no extremo sul de Trindade, furou um túnel de perto de 40 metros de comprimento por quase 14 de largo, por onde, com estrondo incrível e uma fôrça inaudita, se precipitam as ondas do oceano?! Ai de quem estiver no seu caminho! — A existência de corais e caramujos marinhos brancos, calcinados, numa altitude de mais de cem metros é a prova cabal de que essa parte da ilha se ergueu do mar talvez nos seus derradeiros movimentos sísmicos. Entretanto, foi-me dado encontrar ainda a 200 e mais metros de elevação, corais de superfícies enegrecidas. Certamente foram ali parar em soerguimentos mais remotos.

Visto que o estudo da toponímia nacional interessa a documentação do nosso CNG, julgo oportuno explicar, dentro do que me é possível, a toponímia, que considero

muito sugestiva, da ilha da Trindade, tal como se apresenta no respectivo mapa do Serviço Hidrográfico da Marinha. A começar do extremo norte, na ponta "Crista do Galo", temos a cordilheira homônima. Nada mais acertado que essa denominação ou a de "Nine Pins" das cartas náuticas inglesas. Mais ao sul ergue-se o "Obelisco", cuja figura dá razão a esse nome. A praia dos Cabritos lembra a existência dos caprinos em número avultado. A ponta do Tubarão perto daquela do Valado (para esse nome não achei explicação a não ser por causa de uma torrente seca pouco profunda) recorda a existência desse esqualideo voraz; a enseada dos Portugueses tem seu nome por causa da preferência que esses lhe deram em seus desembarques, ao passo que os ingleses preferiam pôr o pé em terra na enseada do Príncipe, no lado sul da ilha (embora pouco extensa e castigada pelo sudoeste), onde também existem as ruínas quase desaparecidas do "forte da Rainha". O nome de "Pôrto da Canoa" justifica-se de sobejo, porque ali podem aportar com certa facilidade as canoas de pescadores, tanto que por ali também se efetuou o embarque de grande parte do pessoal da nossa expedição; é ali o lugar naturalmente indicado para um pequeno pôrto em projeto, com dispêndio pouco vultoso. Na praia do Andrada ergue-se o já mencionado marco homônimo, da ocupação em 1910. As tartarugas das quais vamos falar mais adiante, deram o seu nome a um morrete de blocos de pedra, a uma das poucas e belas praias da ilha, a uma ponta e ao parcel que se localiza a leste da referida ponta. Nada mais adequado que o nome de "Paredão" para um morro e uma ponta, um verdadeiro paredão de mais de 160 metros de altura, que se levanta quase verticalmente do oceano, e também do "Pão de Açúcar", um monólito que bastante se assemelha ao seu xará carioca. — Após o incidente com a Inglaterra devido a sua ocupação em 1895-1896, pensou o Brasil em plantar um marco visível de sua soberania. O mau tempo reinante, porém, impossibilitou o desembarque do material do que mais tarde, seria o mencionado monumento do Andrada; não obstante, ficou ali o marco que recebeu o nome de "Benjamim Constant" — Seguindo no mapa mais para oeste, vemos o nome de Fonte do Barril; não sabemos sua razão nem tampouco expedicionário algum pôde dizer-me ao certo da existência dessa fonte. — A posição justifica plenamente a

denominação da ponta Sul. É igualmente apropriado o nome de ponta dos Cinco Farihões pois se trata de fato de "escolhos ponteagudos, empinados acima da água", ao passo que considero inadequada a denominação de "Cinco Pavilhões", que encontrei numa publicação que consultei sobre Trindade. Provém o nome de enseada da Cachoeira de uma cascata ou mesmo cachoeira em um córrego pouco volumoso, do mesmo nome que nasce na depressão entre os picos Trindade e Desejado. Informaram-me que esse curso d'água juvenil se acha provavelmente em recessão, justificando melhor o seu nome em tempos idos. A ilha da Racha, pouco afastada da costa ocidental da Trindade, deveria mais propriamente chamar-se ilha Rachada, pois consiste em duas enormes lajes paralelas empinadas, entre as quais passa o mar em canal estreito. Seria mais adequada a denominação de Noroeste para a ponta do Nordeste. Nada calha melhor que o nome para o "Monumento", monólito na costa ocidental e do qual já se fez menção. — Quanto à toponímia das elevações no interior da ilha temos em posição quase central o pico Desejado; confessamos que não podemos atinar com a origem da denominação desse pico que alguns consideram o ponto mais alto da ilha. É verdade que não nos foi possível averiguar isso. Pelo menos, do navio, no nosso regresso, pude comparar a olho nu, a sua elevação com o seu *vis-à-vis*, o pico da Trindade, que tanto a mim como ao engenheiro PAULO DE ASSIS RIBEIRO pareceu um pouco mais alto que o Desejado; estaria nisto certo o mapa da Marinha que dá uma diferença de dez metros a mais para o pico da Trindade que passaria a ser o ponto culminante da ilha homônima. Demonstram sentimento religioso dos ocupantes os nomes de pico São Bonifácio, a NW do pico Trindade e do pico N. S. de Lourdes, entre o marco das Tartarugas e o pico do Vigia; aliás essa denominação é algo recente e não se encontra no mapa a que nos referimos. Não pudemos averiguar se a possível existência dessa gramínea justifica a denominação do pico Sapé. — Os picos Branco, Vermelho, Verde e Prêto devem sem dúvida os seus nomes à sua coloração peculiar; posso afirmar isso ao menos do pico Prêto, um cone de pedra eruptiva perto e sobranceiro à enseada dos Portugueses. O pico Grazina ou melhor das Grazinas tira a denominação das grazinas, que habitam em seus flancos rochosos aos milhares. Nada mais sugestivo

que o nome de pico do Castelo com que se parece em seu aspecto e também o de pico do Vigia que, embora bem mais baixo que o Pão de Açúcar, seu vizinho, permitiria uma ampla vista sobre o oceano, não fôsse tão difícil e talvez impossível a sua escalada.

Sem o intuito de adiantar-me aos ilustres biólogos da expedição parece-me que não é grande a variedade no reino animal. Há aranhas, môscas, gafanhotos, mariposas e encontrou-se mesmo uma borboleta diurna. Certamente levadas pelos navios se encontram na ilha baratas das miúdas, praga das nossas cozinhas. Achei-as muito magras; seria a luta pela existência? Não se verificou a existência de ofídios; ao menos concordo com essa afirmação criteriosa dos companheiros naturalistas, pondo em quarentena a de um auxiliar dos meus trabalhos de ter visto uma "cobra". Não seria ilusão de ótica? — Outrora, os ratos na ilha foram uma praga e contaram-me que os havia aos milhares e mais, que os havia adaptados à vida nas rochas e outros mais perto da praia. Não vi nenhum, mas de fato são raríssimos hoje. O que terá contribuído para o seu extermínio quase completo? Não posso crer que teriam sido os gatos de que alguns expedicionários afirmam ter visto dois, pretos como a noite. É mais provável que os vorazes porcos existentes hajam colaborado para a sua extinção. — De animais de porte maior há um bom número de caprinos, ovinos e suínos, ali abandonados por habitantes de tempos idos, e que hoje se acham em estado selvagem. Os caprinos foram parar ali, levados pelos ingleses em uma das suas primeiras ocupações, e aos portugueses se deve a introdução do carneiro em 1629 e dos suínos em 1791. Como acontece com animais que em seu novo *habitat* encontram melhores condições de vida sem os seus inimigos naturais e assim causando um sério desequilíbrio biológico, deu-se com êsses mamíferos ádvenas na ilha da Trindade. Acima de tudo, o caprino, mais ágil e mais temerário que o carneiro e o porco, contribuiu, de "súcia" com êstes para o quase completo aniquilamento iniciado provavelmente pelo homem, da vegetação primitiva que verificamos ter sido mais rica. Dessa tríade o menos prejudicial, embora não deixe o capim vingar, parece-nos o carneiro. Os porcos hoje completamente selvagens, magros, têm focinho muito alongado, prêsas desenvolvidas, lembrando o javali, seu antepassado, têm os mem-

bro delgados, e não possuem camada de toucinho entre a carne um tanto dura e a pele que por sua vez engrossou consideravelmente; chegam a pesar perto de 200 quilos. São animais ferozes que atacam o homem. São os porcos a maior praga da ilha, maior ainda que os caprinos que ainda não chegaram a destruir a floresta restante, nem se sabe bem porque; pois os porcos além do seu contingente no estrago da vegetação, causam um profundo desequilíbrio na biologia animal, liquidando aos poucos com as tartarugas, fuçando a areia das praias e desenterrando e devorando os ovos e filhotes dêses quelônios. Também declararam guerra sem tréguas aos caranguejos que, embora êstes se entredevorem, já foram tantos, trinta e poucos anos atrás, que constituíam uma verdadeira praga, encontradiços que eram mesmo nos pontos mais elevados da ilha e invadindo as casas. — Ora, pudessem os porcos alcançar até onde se refugiam os carneiros e as cabras, dariam cabo dêles também.

Já mencionei que as aves que mais avultam na ilha são as graminhas que nidificando nas locas de rochas, voejam aos milhares e quase chegam a atacar nos olhos a quem sobe pelos espigões; essa atitude hostil talvez seja em defesa de seus filhotes. Das três espécies de aves marinhas, entre essas o atobá, é a fragata a mais confiada, pois de tão mansa, deixa-se apanhar com as mãos.

Apesar da guerra encarniçada que lhes têm movido os porcos, existem ainda em bom número as tartarugas marinhas, enormes, alcançando 1,30m de comprimento e de 200 a 300 quilos de peso. Protegidas por sua carapaça, tornam-se entretanto, indefesas, viradas de barriga para cima; de noite sobem à praia para desovar. Por todo o litoral há também uma multidão de caranguejos. Dêstes, os aratus, também denominados "maria farinha", são côr de cinza e pontuados de branco; são mais freqüentes que os garamuns, de côr amarelada.

Nos circuitos realizados em tôrno da ilha verificou-se que é piscoso o mar que a circunda, devido ao seu fórrô de pedra até mais de cem metros de profundidade. Há os peixes perigosos como o tubarão, o cação, cuja presença juntamente com os recifes de coral e o embater violento do mar desaconselha de todo o banho nas praias de Trindade. A isso acresce o perigo da mordedura

dolorosa da cobra do mar, a moréia — há a cinzenta e a listrada — que se oculta nas arrebentações, entre as pedras e nos buracos entre os corais. Entretanto, há também peixes inofensivos e saborosos, como a garoupa, o badejo, que chega a pesar 25 quilos, e o camiseta. Alguns podem ser mesmo mortos a pancadas, como o peixe porco, muito abundante, e entretanto era por nós desprezado por ser indigesto e pouco convidativo por ser preto e pequeno.

Enquanto o “Beberibe” dava com sua tripulação boa ajuda nos nossos trabalhos da ilha, o “Baependi” aproveitou o tempo para fazer sondagens batimétricas. Não foram animadores os resultados dessas pesquisas, pois ficou verificado que é bastante estreito o platô continental que circunda a ilha, com largura que de 400 metros se reduz a 60, para dali descambar para o abismo, ao menos para uma profundidade tal que o aparelho não mais pôde registrar. Ficou assim desfeita a suposição da existência de um vasto platô continental entre a ilha da Trindade e o arquipélago de MARTIM VAZ, não muito distante. Isso exclui a possibilidade de uma pesca em escala comercial, sob pena de exterminar os peixes dentro em pouco tempo, pois é problemático contar com a pesca de tubarões e peixes migratórios.

ACÇÃO

Desde há bastante tempo conhecíamos e já lembramos em nossa exposição a carta da ilha da Trindade, organizada pelo Serviço Hidrográfico da Marinha em 1917 (ano em que também se determinaram as coordenadas da ilha) e submetida a correções sucessivas. Já sabíamos da existência de um mosaico de fotografias aéreas, tiradas para a Marinha americana durante a última guerra e abrangendo quase toda a ilha. Ficamos conhecendo durante a viagem esse mosaico com a escala aproximada de 1:11 200 no sentido do eixo da ilha, e também as fotografias na escala da ordem de 1:5 600, de que o mosaico foi composto. A carta do Serviço Hidrográfico, que traz a configuração, naturalmente aproximada, das curvas de nível da ilha me fez suspeitar e o referido mosaico aerofotográfico confirmou sem deixar dúvida, que era sumamente acidentada a ilha, objeto de nosso estudo, e por isso não se poderia empregar, no caso, a topografia corriqueira de circular a ilha com uma poligonal, em seguida fixar com outras poligonais amarradas

ao perímetro os pormenores topográficos internos, pois antes de tudo, não é possível acompanhar de perto, senão em pequena parte, a linha do litoral com levantamento taqueométrico. Dada a existência de fotografias aéreas, tinha que ser o nosso fito organizar uma rede terrestre de medição com base e vértices de triangulação, a que se amarrasse o maior número possível de objetos reconhecíveis nas fotografias aéreas. Esse plano que nos pareceu o único viável no caso, tratamos de executá-lo dentro do prazo curto que tínhamos ao dispor e que circunstâncias imprevistas reduziram para a metade.

Antes de prosseguir, narrando as operações topográficas, nossa tarefa, seja-nos dada vênha para estabelecer uma ligeira comparação entre os referidos documentos cartográficos que são a carta da Marinha e o mosaico aerofotográfico. Em traços gerais, ambos se parecem. Principalmente, ressalta a extraordinária semelhança na representação da costa oriental da ilha que, devido ao seu acesso mais fácil, foi sempre mais trilhada, de onde resultou o seu conhecimento topográfico mais perfeito que o da costa ocidental onde é em grande parte impossível o acesso. É nessa parte que se acentuam as dessemelhanças de contorno, às vezes fortes, que também se manifestam no traçado das curvas de nível na carta existente e no que deverá resultar da restituição das fotos aéreas. Entretanto, há a considerar que nisso não vai nem vislumbre de crítica depreciativa ao primeiro diploma cartográfico da ilha (pelo menos o que conheço). Como pudemos expor linhas acima, antes do aparecimento da fotografia aérea, qualquer levantamento topográfico nessa ilha se tornaria mais dispendioso à medida que se tentasse apreender maior número de pormenores topográficos. Ora, um verdadeiro contra-senso gastar bom dinheiro com o levantamento pretensamente preciso com uma ilha tão longínqua como a da Trindade, sem necessidade nem vantagem imediata, quando no Brasil continental só de 1918 a 1921 se pôde proceder ao levantamento topográfico e assim mesmo parcial, dos rios Paraíba, Paranaíba, Tocantins... E, creiam-me que, mesmo assim, a carta da Marinha nos foi a nós todos um guia bastante bom e aproveitável, máxime quanto à toponímia. Há um reparo que tenho a fazer, é que na parte superior das praias do Andrada e das Tartarugas figura nessa carta o revestimento de gramíneas.

Êsse, pode-se dizer quase não mais existe, mas essa alteração corre por conta da voracidade dos cabritos e companhia. Também em uma edição mais recente da carta figuram caminhos que, promovidos a estradas passaram para as folhas da carta geográfica do Brasil. Tenho que esclarecer que, exceto entre as casas existentes, não passam de trilhos de cabritos, muita vez escabrosos e de passagem difícil, e assim mesmo muito valeram aos naturalistas e demais companheiros nas suas excursões através da ilha.

Ainda antes do escurecer do dia 20 me foi possível dar uma volta em companhia do capitão-tenente MAXIMIANO, do Serviço, Hidrográfico da Marinha; êle e o capitão-tenente PRAGANA achavam-se incumbidos de determinar ou melhor tornar a determinar as coordenadas da ilha, declinação magnética, inclinação etc. Pude verificar a possibilidade de lançar uma base de cêrca de 350 metros, de onde poderia amarrar a vértices e dêstes a pontos destacados, como picos, pedras avançadas para dentro do oceano.

Aproveitei o dia seguinte, 21, domingo, para ampliar o reconhecimento quanto à colocação mais apropriada dos vértices, e nos dias 22 e 23 assinalaram-se os nove vértices da triangulação. O meu reconhecimento da tarde de domingo alcançara perto do morro das Grazinhas, de onde voltei devido à temeridade de continuar sozinho em trilho perigoso, e também em vista da adiantada hora. Não era pois de estranhar que ao procurarmos prosseguir do vértice IX para ocupar mais outro além de um grotão fundo, verificamos que a única senda, um estreito trilho de cabritos, era demasiado ladeiroso para os meus auxiliares passarem, de modo algum com instrumento, a não ser que se pudesse preparar o caminho nos seus trechos piores. Já estávamos inteirados que se tinham desgarrado e danificado seriamente a lancha do "Beberibe" e a nossa balsa para transporte de material. Não podíamos, portanto, pensar em estender mais o nosso trabalho. Porisso achando-se presente o engenheiro PAULO DE ASSIS RIBEIRO, pareceu-nos acertado desistir de levar avante a triangulação, com o fito de atingir a costa ocidental da ilha.

Durante os dias 24 a 27 medi a base entre os vértices II e III que resultou ser de 348, 24m de extensão e fiz as visadas aos demais vértices e radiações para picos e outros objetos mais ou menos distantes.

Pelas radiações referidas e por intersecção consegui fixar a posição e diferença de nível dos seguintes pontos elevados: morro das Tartarugas (59m), morro N. S. de Lourdes (215m), pico do Vigia (215m), alto do espigão no Paredão (185m), Pão de Açúcar (364m), pico Preto (181m), pico Pontudo (344m), pico Obelisco (381m), Agulha na Crista do Galo (203), morrete na mesma cordilheira (44m), pico das Grazinhas (391m), e mais dois outros picos de nome ignorado; outros pontos como a pedra isolada ao norte do pôrto da Canoa e a que fica a leste do parcel das Tartarugas; o local das observações de magnetismo; o monumento do Andrada; e igualmente a ilha norte, a ilha principal e a ilha sul do arquipélago de Martim Vaz. Por medição estadimétrica pude fixar diversos trechos do litoral, o grupo de duas casas (almoxarifado e depósito) perto do ponto de desembarque, o outro grupo de casas (dois alojamentos, a casa do comando e a Cruz Vermelha), a estação de rádio, o pilar de coordenadas, o mastro da bandeira, uma base de canhão, o cruzeiro do cemitério, o cercado do pôsto meteorológico, um abrigo coberto de laje de cimento, perto dêste, quase todos objetos facilmente reconhecíveis nas fotografias aéreas. A extensão entre os vértices extremos no comprimento é de cêrca de 3 quilômetros, que se eleva a 5 quilômetros com os pontos extremos visados 10 e 16, e na largura a 1 1/4 quilômetros sem contar as pedras avançadas para dentro do oceano.

A danificação da nossa balsa, como mencionei, impôs a redução ao mínimo, dos trabalhos de campo programados; a duas apenas as reiterações das leituras dos ângulos horizontais e a diminuição do número de por menores estadimétricos. Sem dúvida, o trabalho de observações foi feito com o cuidado possível. Entretanto, concorreram para diminuir-lhe êsse mérito a visibilidade nem sempre perfeita dos caibros-suporte das bandeiras de sinal de pano branco e vermelho, paus de côr quase cinzenta que muita vez se confundiam com o ambiente de rocha quase da mesma côr (foi pena não se ter podido pintá-los de branco com cal), também a sua verticalidade nem sempre impecável, defeito que procurei reduzir ao mínimo visando o pé, para assim assegurar a maior precisão do ângulo horizontal. Para obter a do ângulo vertical, foi meu alvo, o tópo da bandeira, medida anteriormente a distância entre êle e o pé do caibro-suporte.

Embora não se tivesse atingido o máximo das elevações, a fim de não sacrificar pessoal nem instrumento, foi penosa a marcha entre os vértices, sobre areia fôfa, pedras soltas, blocos de rocha, ladeiras de rampa forte e às vezes com dois ou três desses empecilhos combinados. Foi igualmente penosa a instalação do instrumento, ora sobre o lajedo, ora sobre terreno de areia fina, ora sobre blocos de pedra, o que tudo pode ter influído para prejudicar a precisão do trabalho.

A caderneta de campo que organizei contém:

1) as notas das operações de campo com o cálculo das distâncias reduzidas;

2) o cálculo dos lados de cada triângulo;

3) idem, das diferenças de nível, e

4) idem, das coordenadas ortogonais.

Com o auxílio desses elementos organizei, na escala de 1:1 000 a planta que representa o trecho da ilha da Trindade, desde o desembarcadouro na praia dos Portugueses até o farolete, além do pôrto das Canoas, e o Cruzeiro do Cemitério com o pôsto meteorológico, e na escala de 1:5 000, a rede de triangulação e poligonais.

É esta a colaboração que a Cartografia do CNG procurou prestar a êsse empreendimento patriótico”.

Atividades Geográficas

A X Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, reunida em setembro último nesta capital, enfeixou em uma de suas resoluções, os acontecimentos de caráter geográfico e cartográfico ocorridos no país no período de julho de 1949 a agosto de 1950, os quais espelham bem as atividades das instituições científicas e culturais promotoras de empreendimentos de tal natureza, e mesmo de pesquisas individuais, bem como o estímulo e apoio dos poderes públicos em favor do desenvolvimento da geografia e da cartografia em nosso país.

Os fatos foram agrupados, segundo a sua significação em: A) — de significação internacional; B) — de significação nacional; C) — de significação regional.

Destacam-se, pela sua importância, dentro de cada grupo, os seguintes fatos:

A — de projeção internacional

— as comemorações, pela Academia das Ciências de Lisboa, do IV centenário da fundação da Cidade do Salvador;

— a visita ao nosso país em janeiro de 1950, do cientista Prof. GEORGE B. CRESSEY, presidente da União Geográfica Internacional, promovendo a organização do XVII Congresso Internacional de Geografia;

— a realização, em janeiro de 1950, em Bogotá, do II Congresso Interamericano de Estatística e III Reunião do Censo das Américas, convocados pelo Instituto Interamericano de Estatística;

— a destacada atuação da delegação brasileira no II Congresso Interamericano de Estatística e III Reunião do Censo das Américas, realizados em Bogotá, no mês de janeiro do corrente ano;

— o transcurso a 13 de janeiro de 1950, do bicentenário do Tratado de Madri, histórico feito que destacou a atuação do diplomata brasileiro ALEXANDRE DE GUSMÃO.

— a visita ao Brasil, no mês de julho de 1949, do cientista francês JEAN GOGUEL, professor de Paleontologia da Escola de Minas de Paris e autor de importantes obras de cunho científico;

— a visita ao Brasil, em julho de 1949, do engenheiro e fotogrametrista italiano UMBERTO MISTRI;

— a realização, nesta capital, em julho de 1949, do I Congresso Pan-Americano de Engenharia;

— a realização em Lake Success, em agosto de 1949, da Conferência Científica das Nações Unidas sobre a Conservação e Utilização dos Recursos Naturais;

— a realização, em setembro de 1949, nesta capital, da I Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia;

— a vinda ao nosso país, a fim de realizar estudos sobre usos e costumes aborígenes na região Brasil-Central, do etnógrafo norte-americano LEWIS COTLOW, membro do Clube dos Exploradores de Nova York;

— a destacada atuação dos Srs. Dr. RAFAEL XAVIER e Prof. GIORGIO MORTARA,